

FAKE NEWS

Lobisomem de Pedreira. Boato?

ANTONIO DE PÁDUA
BÁFERO

Há setenta anos, na cidade de Socorro, quando eu tinha cinco anos de idade mais ou menos e por lá uns mil habitantes, de tempo em tempo surgiam seres do outro mundo. O mais famoso era o lobisomem que visitava o Morro da Estação, local ermo e distante do centro. Notícia suficiente para que alguns católicos deixassem de ir à "Reza das Sete Horas", na Igreja Matriz e toda população se recolhesse em suas casas. As portas e as janelas das casas eram fechadas e cruzadas com grossas trancas; o silêncio das ruas se misturava com o do interior das casas.

Mesmo nesses tempos dos Lobisomens as ações difamatórias dos políticos se faziam por boletins anônimos, que eram enfiados por debaixo das portas das casas das famílias na calada da noite; nem os seres do além eram capazes de intimidar os boateiros. Ainda hoje, a boaticice não caiu de moda e as notícias são espalhadas pela Internet, facebook, e-mails, mensagens instantâneas, blogs, perfis falsos e outros. Como dizia meu avô Chico Báfero, artista-sapateiro "oriundi de la "dolce Itália": "falar mal de alguém é como espalhar um cesto de penas numa tempestade...".

Agora, em pleno século XXI, não é que a fera reaparece na vizinha cidade de Pedreira, ganhando vida através de boatos noticiados no WhatsApp e Facebook. E, dizem que não é a primeira vez. O boateiro existe em

quaisquer tempos, seu triste fadário é o de veicular notícias através do anonimato, sem se importar com a repercussão que possa advir desse seu ato eterno de fadejar. Hoje, a boaticice atende pelo nome pomposo de fake news, palavra importada da língua inglesa.

A coisa anda tão fora de controle que o jornal *O Estado de S. Paulo* criou um blog para checagem de fatos pelo WhatsApp, batizado como VERIFICA. "Estadão Verifica" faz parte do projeto Comprova que reúne 24 veículos de mídia para combater desinformação nas próximas eleições. Esse projeto é coordenado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), com apoio do First Draft, entidade ligada ao Centro Shorenstein para Mídia, Política e Políticas Públicas, da Escola de Governo John F. Kennedy, na Universidade Harvard dos Estados Unidos.

O emprego de palavras no-

vas na Língua Portuguesa é resultado do modo de falar aceito por um grupo num determinado período, ou então, pelo desgaste da expressão antiga que já não traduz o sentimento de uma ideia. No caso das notícias falsas, tanto a palavra antiga como a nova, se prestam ao mesmo fim: utilizar-se da mentira, a induzir pessoas ao erro. Os respingos como já disse, acabam atingindo também os ingênuos, os sem malícia e jovens idealistas que nada têm a ver com a eterna vilania política do País. Como se vê, minha preocupação não é com lobisomem de Pedreira e nem aquele lá da minha idolatrada Socorro, faz tempo que entendi que é melhor não mexer com essas coisas da política e do sobrenatural. Como se diz: "Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay". (Eu não acredito em bruxas, mas que elas existem, elas existem).

Como educador que fui

ainda preservo no pensamento o costume de desenvolver a capacidade física, intelectual e moral do educando, mas do jeito que as coisas andam, preocupa-me, sobremaneira, essa boataria que atinge de forma direta os jovens que cursam o ensino básico no País e ter causas no futuro, como esclarece o cientista português António Damázio: "... Periodicamente, uma parcela do mundo cede aos sentimentos coletivos, o que leva ao extremismo. Assim surgiram o nazismo e o comunismo tal como existiu. O descontrolo dos sentimentos coletivos na internet pode levar às autocracias".

É público e notório que nos dias de hoje, políticos surfam por ondas de mentira e, se mostram à vontade nessas vicissitudes. O caminho mais propício que se apresenta para o futuro é implementar no Ensino Básico a necessidade do aluno aprender a lidar com seus próprios sentimentos e aprender discernir o verdadeiro do falso através de seus próprios sentimentos e da inteligência emocional, termo criado pelo psicólogo americano Daniel Goleman para explicar: "a capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos". (Goleman, 1998).

Nunca soube que seres de outro mundo tenham feito algum mal para quem quer que fosse, mas não posso afirmar isso de alguns seres humanos metidos no cenário político.



■ ■ Antonio de Pádua Báfero é professor da Unicamp, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)